

Ensino Afinal de contas, por que é tão importante sair da sala de aula para ampliar o conhecimento? Tal como uma equipe que viaja para rodar um filme, turmas de vários cursos buscam, nas diferentes locações, atuar por um desfecho que qualifique sua formação.

Roteiro em campo

TEXTO SAMANTHA KLEIN FOTOS FLÁVIO DUTRA E SAMANTHA KLEIN

Assim como o cinema, uma saída de campo pode ter um roteiro de começo, meio e fim, ou pode ser simplesmente uma ideia na cabeça e um monte de espaços para desbravar. Tudo depende da área de atuação, mas, em todos os casos, o final do filme não precisa ser fechado. Os

alunos é que devem interpretar o desfecho. No caso da Botânica, se a meta é visualizar um tipo diferente de vegetação em paradas aleatórias por fazendas e estradas do interior do estado, por que ter um roteiro fechado? Já para uma turma de Geografia, se o objetivo é observar um rio que nunca mais será o

mesmo, por que não seguir o script?

As saídas de campo são diárias entre os mais de cem cursos de graduação e pós-graduação da UFRGS, mas as rotinas ou *não rotinas* são completamente distintas. É isso o que a equipe do JU procurou entender ao acompanhar, em quatro viagens, diferentes

turmas. É ideia geral que sair dos bancos escolares serve para colocar o conhecimento em prática, mas será só isso mesmo? Embarque neste set [ops!], nessa saída de campo e descubra até onde se pode ir para enriquecer a formação acadêmica oferecida pela Universidade.

Script do aprendizado

O dia começa cedo, seja qual for o destino das saídas de estudo. Geralmente os professores seguem um roteiro semelhante ao entregue ao diretor de um filme, e toda uma produção que garante o aproveitamento do tempo é mantida, pois, se, no caso do cinema, as locações para os filmes são caras, na vida real da Universidade as diárias dos motoristas também têm um custo, assim como a manutenção da frota dos veículos que seguem para os mais diversos destinos em estradas asfaltadas ou esburacadas. O custo de manutenção do transporte que roda até 400 mil km por ano é de aproximadamente R\$ 500 mil. “Alguns ônibus são antigos e, caso um carro quebre, provavelmente não teremos outro para substituí-lo. Além disso, faltam ônibus a todo instante porque a demanda por viagens é enorme”, relata José Rietjens, coordenador do Grupo Frota, setor vinculado à Faculdade de Agronomia que gerencia todas as saídas de campo. Até outubro deste ano foram realizadas 1,5 mil viagens dentro e fora do estado.

Geralmente essas saídas são roteirizadas, porém alguns professores e alunos preferem viajar sem um planejamento fechado, o que permite à aula de campo aberta a descobertas. E mesmo que pareça estranho, dá muito certo! E como tudo vale a pena se a viagem não é pequena, as professoras Ilsi Boldrini e Hilda Longhi-Wagner, do Programa de Pós-graduação em Botânica, embarcam com a ideia e a câmera (fotográfica) na mão.

Matagal é o set

Passamos o dia vendo mato. Literalmente, durante uma sexta-feira inteirinha. Quem não é da área da Botânica, Agronomia ou Geografia realmente pode pensar que nada se difere em termos de plantas rasteiras. Porém quem olha mais de perto percebe não somente as diferenças dessas gramíneas, mas também a importância de conhecer esse tipo de vegetação.

Na saída de campo que aconteceu no começo de outubro, o destino foi o Litoral Médio e o Norte gaúcho, partindo pela estrada RS-040, passando por Viamão, Capivari do Sul, Palmares do Sul e Pinhal. Já na partida, por volta das 8h, a professora Ilsi Boldrini lembrou o motorista Gilberto de que aquela saída não seria de um ponto a outro, sem paradas no caminho. “Motora, como você não nos conhece, quando a gente pedir para parar, tem que parar mesmo, ok?”, fala em tom de gracejo, mostrando que para este filme campestre roteiro não haveria. A resposta do gentil e silencioso motorista, como não poderia deixar ser, foi afirmativa.

E quem pensou que poderia tirar um cochilo se enganou. Logo nos primeiros quilômetros rodados

deste longa-metragem na rodovia que corta a cidade de Viamão em direção ao litoral, as professoras pararam para mostrar a vegetação da beira da estrada.

Porém, para quem não entende latim, a aula de Botânica se assemelha à sensação que sentimos ao ver os créditos de um filme iraniano na tela. Como a identificação das plantas é complicada, os alunos mergulharam num silêncio só perturbado pela passagem de alguns poucos carros, até arriscarem alguns nomes, incentivados pelas perguntas das educadoras que se continham para não sair dizendo o nome científico. “Não é fácil identificar logo de cara”, solta uma das alunas.

Já a professora Ilsi mostra por que é bom gravar o conhecimento. “Saber do que se trata essa vegetação rasteira faz toda a diferença para o pecuarista, por exemplo. Assim, por mais que o objetivo da disciplina seja conhecer os diferentes tipos de vegetação, é impossível não fazer essa relação. Porque, se o produtor rural tiver determinada vegetação, será bom para o gado e ele não vai precisar plantar azevém (tipo de forrageira muito utilizada para alimentar o rebanho)”, observa.

Dia de rio

O geólogo Sérgio Dillenburg revê aquele cenário há mais de uma década todo semestre. Ele conhece em detalhes o Vale do Rio Maquiné como quem assiste à trilogia do Poderoso Chefão uma vez por mês. Por isso, o roteiro é bem amarrado para garantir aprendizado e segurança à turma de estudantes. A saída de campo que tem por meta observar as mudanças de um rio conforme a altitude segue caminho pela BR-290 para adentrar cerca de 30 km em uma estrada vicinal que leva ao distrito de Barra do Ouro, pertencente a Maquiné, no Litoral Norte do estado. Dillenburg está cansado do filme, mas se anima ao perceber o clima contagiante dos atores da vida real que o acompanham. São alunos do segundo semestre de Geografia. Os estudantes estão em sua primeira ou segunda saída de campo, e é como se estivessem com ingressos VIPs para a primeira projeção de uma estreia do cinema.

Uma vantagem didática e prática leva o professor a repetir o script: o rio é margeado por estradas em boas condições na maior parte do percurso, o que facilita o acesso de ônibus; fica relativamente próximo da capital e mostra em seu trajeto as diferenças substanciais que o estudante de conceitos básicos de Geologia precisa ter. Por mais difícil que pareça imaginar as diferenças que um rio tem sem se estar lá no local para percebê-las, as mudanças são realmente radicais. Durante

a viagem, o professor informou que entre o pé do morro e o último ponto que visitaríamos veríamos outro rio. O que se confirmou. “É por isso que vim para a saída, para aprender o que a sala de aula não pode proporcionar. Aqui acho que podemos ver o que realmente é, como acontece a sedimentação de rochas, as mudanças do rio em termos de largura e profundidade. No campo fica mais fácil identificar as características do meio ambiente”, relata a aluna Giselle Paris.

Mas, afinal, porque um rio se transforma e qual a importância de saber isso? A relevância pode ser resumida nos diversos usos que um rio tem conforme suas características. Conhecê-las é importante para destinar ou não à navegação, saber como funciona o regime de cheias que consequentemente interfere na ocupação das margens e na fertilidade do solo que o local irrigado terá. No roteiro para decifrar as mudanças do Maquiné, a turma observou cinco pontos diferentes desde o pé da Serra Geral. Na primeira parada, a 150m de altura em relação ao nível do mar, é possível visualizar um rio estreito e turbulento com grandes pedras basálticas até chegar a um ponto largo e profundo, com um aspecto bem mais parecido ao de uma lagoa. “Se vocês estivessem de olhos vendados na parada seis, tenho certeza de que poderiam dizer que estão vendo outro rio”, afirma o geólogo para a turma.



(1) Saída de campo para o Litoral com alunos do Programa de Pós-graduação em Botânica. (2) Viagem pelo Vale do Rio Maquiné com estudantes de Geografia. (3) Um grupo da Agronomia durante excursão a uma floricultura de Nova Petrópolis. (4) O registro de uma visita ao aeroporto Salgado Filho com alunos do curso de Arquitetura, que também ilustra a capa deste caderno.



Na visita ao aeroporto, foram observados aspectos como acessibilidade, sistemas de segurança e combate a incêndios



Campo da mobilidade

As saídas dos alunos da disciplina de Floricultura e Paisagismo servem para incentivar a busca por formação nessa área

Cenário florido

Entre processos de inseminação de vacas, manejo de pastagens e aprendizagem de técnicas de irrigação para plantações de arroz, ao final do curso de Agronomia surge uma disciplina de Floricultura e Paisagismo. Será que o roteirista se enganou? Não, o currículo do curso contempla também uma importante proposta de conhecimento do meio rural voltado para a comercialização de plantas na cidade e que tem espaço para crescer e diversificar a produção. É por isso que o professor Gilmar Schafer leva os alunos do nono semestre para conhecer o cultivo em larga escala de uma tradicional floricultura da Serra gaúcha.

Observando as belas imagens da rota que segue para Nova Petrópolis, destino escolhido por Schafer para a saída de campo e que serviria de cenário perfeito para um *roadmovie*, o aluno André Bordignon pensa em como aproveitar a viagem para desenvolver um roteiro da própria carreira como agrônomo. “Estamos também acompanhando o crescimento do mercado das flores no país, em especial em São Paulo. E não podemos negar que é importante esse tipo de produção para a diversificação nas propriedades familiares e que teremos de orientar os produtores nessa área”, relata.

O estudante tem razão. Apesar de o Rio Grande do Sul estar entre os maiores produtores de plantas ornamentais do país, 70% das flores consumidas no mercado interno são importadas de São Paulo. De qualquer forma, a atividade é importante para o estado, pois, segundo o censo agropecuário divulgado pelo IBGE em 2006, aproximadamente 1,7 mil produtores têm renda

com a floricultura em pequenas propriedades, além de ser uma área que emprega bastante – em média, três pessoas por hectare.

Conforme o professor Gilmar Schafer, a disciplina também visa incentivar os alunos a buscarem essa área de formação, já que no estado há muito espaço para a produção ornamental. “O mercado de flores e plantas de adorno do RS ainda pode crescer muito, principalmente para atender à nossa demanda interna. Temos que ser mais competitivos e gerar tecnologia para superarmos as barreiras tecnológicas impostas pelos sistemas de cultivo. Também temos que formar mais técnicos aptos a atuar na área”, comenta o agrônomo.

Para a estudante Manuela Sulzbach, que já conhece o roteiro das flores, graças à pesquisa que realiza sobre a relação entre flores e a infestação de ácaros em gerberas, a saída de campo foi importante para ver outros cultivares. “Pretendo continuar estudando essa área da fitossanidade, por isso quanto mais conhecimento em floricultura melhor. Por outro lado, visitar uma empresa como esta mostra o quanto a Universidade precisa de mais estufas para os experimentos dos alunos. No meu caso, tenho de esperar que as pesquisas que estão em andamento por outros estudantes sejam concluídas para ter espaço. Por isso, temos um convênio com uma floricultura de fora para fazer as observações e obter amostras de gerberas”, justifica, falando da troca que é interessante inclusive para a empresa conveniada, que tem interesse nos resultados da longa pesquisa que poderia ser comparada, em termos de duração, com *E o Vento Levou...*

Até parecia uma constelação de atores de Hollywood desembarcando no aeroporto, tantos foram os olhares voltados para a comitiva formada por futuros arquitetos que visitou os terminais um e dois do Salgado Filho. Os alunos, separados em pequenos grupos organizados por afinidade, mas liderados por três professores, mais observavam que anotavam, comentando o que poderia ser melhorado no local. “A ideia é ter um ponto de partida para produzir os projetos. Observando um terminal como este, que liga aeronaves, trem e aeromóvel (que está em construção), nós podemos perceber o que está bom ou ruim e usarmos esses dados para a proposta que vamos entregar ao final da disciplina”, comenta o estudante Diogo Giacomolli. Na visita ao aeroporto, foram analisados os parâmetros para sistemas de segurança e combate a incêndio, acessibilidade, placas de localização para os usuários, assim como a conexão entre os diferentes meios de transporte.

Para os atores da Arquitetura, em vez do set rural, o cenário urbano tem prioridade entre as locações justamente para se observar como as construções conversam com a cidade e como as pessoas se apropriam desses espaços. Já que Porto Alegre será sede de alguns dos jogos do Mundial de 2014, o período é de preparação do município, com obras de mobilidade que devem servir de legado à população. A partir de projetos de transporte público, como a instalação dos BRT (Bus Rapid Transport) e, para depois da Copa, o metrô da Capital, os alunos têm a oportunidade de colaborar com ideias para criar os terminais intermodais, que serão pontos de ligação entre as diferentes possibilidades de transporte.

No caso da saída a campo e da disciplina de planejamento urbano, a meta é verificar como funcionam os terminais intermodais existentes e quais qualidades podem ser retiradas para o roteiro de cada aluno. Assim, o ponto de partida é o Aeroporto Internacional Salgado Filho para depois analisar com olhar de cineasta o atual terminal Cairú, que fica junto à Avenida Farrapos, área nada glamourosa da cidade. Das ideias a serem apresentadas no final do semestre, o destino é o envio dos projetos para a Empresa Pública de Transportes e Circulação (EPTC), responsável pelo planejamento do trânsito da Capital. O convênio visa aproveitar as propostas para transformar as atuais paradas de ônibus em locais mais funcionais.

É claro, sem esquecer a estética. “Com esse trabalho na disciplina de Planejamento, é possível analisar os impactos ao ambiente e ao patrimônio histórico em razão das obras que estão por acontecer. Não seremos nós os que irão fechar o projeto, já que existe um escritório contratado para isso. Mas vamos fornecer contribuições para uma construção funcional e para que os prédios, como o terminal da Avenida Cairú, não se pareçam com shoppings centers, como acontece com quase todas as obras”, relata o professor e arquiteto Sérgio Marques.

Apesar de ter sido a última a embarcar no ônibus da excursão urbana, a estudante Daiane Melo não perdeu o fio do roteiro. Ela já tinha o script ensaiado na cabeça e só dependia da aprovação de um estudo de engenharia para habilitar o projeto que também pretende revitalizar a degradada área da Avenida Farrapos. “A meta é fazer uma passagem subterrânea para os carros na área do Terminal Cairú, mas preciso dos cálculos de engenharia para saber quanto os motoristas precisariam desacelerar para passar no local. Também planejo uma obra que renove a praça próxima com o objetivo de ter pessoas desfrutando daquele espaço, para que ele não seja somente um ponto de passagem. Isso pode ajudar a valorizar a área e beneficiar os comerciantes locais”, destaca.

Na estrada



Durante as saídas de campo, o chimarrão é o companheiro inseparável dos estudantes que deixam a sala de aula para conhecer outras realidades

Como nem só de trabalho vive o homem, nem o estudante só de livros, nada como aproveitar as reuniões campestres entre colegas para se divertir. Durante percursos que, independentemente da distância, acabam por tornar o dia cansativo, são comuns as brincadeiras entre os estudantes. Assim, a ideia é aproveitar como se fosse a première de um filme para quem participou das gravações.

A moita – Depois de quase 2 horas de viagem serra acima, apesar de não constar do roteiro, seria previsível que boa parte das gurias e guris estaria com vontade de ir ao banheiro. Afinal, o chimarrão durante o trajeto tem de sair em algum momento. A locação, por sua vez, no interior de Nova Petrópolis, é claro que não previa o sanitário. Nisso, o motorista do ônibus fez uma parada em uma estrada vicinal para aguardar um guia que levaria o grupo a uma propriedade a ser visitada, o que levou certo tempo. Assim, uma das estudantes, para algararra geral, resolveu que não iria esperar por um “espaço formal” e correu para trás de uma moita. “Bah, ela foi mesmo!”, soltou um dos colegas, enquanto uma garota mais ao fundo do carro gritou: “E nem dá para perceber a blusa chamativa”, se referindo ao tom de vermelho do suéter da estudante. Apesar das piadinhas e da brincadeira de um dos alunos que tentou registrar o momento, o assunto acabou logo. Afinal, a moita era bem grande e não renderia nem um curta para o YouTube.

Imprevisto – Quem sai para o campo está preocupado em chegar o quanto antes para começar o estudo. Porém, quando no km 97 da BR-290, no início da viagem, se ouviu um estouro acompanhado de um cheiro de borracha queimada, percebemos a pedra no caminho, ou melhor, o pneu furado. O motorista buscou uma rota alternativa, a

via RS-118, em Viamão, para retornar ao Câmpus do Vale, trocar de veículo e seguir a viagem. Mas o contratempo não foi motivo suficiente para desapontamentos. “Opa, bem legal, a gente acordou às 7h e saiu às 10h da manhã. Pontualidade britânica”, comenta um dos alunos. Ele exagerou, eram 9h45 quando conseguimos sair da capital.

Já o professor Sérgio remexe na videoteca da memória e não lembra de situação semelhante. “Em 22 anos de UFRGS, é a primeira vez que acontece esse tipo de imprevisto”, comenta sem perder o bom humor. O problema aumentou o tempo de viagem, mas não atrapalhou em nada a observação prevista, afinal de contas, assim como um *remake* de Hitchcock, um rio nunca será o mesmo, e não faria diferença chegar uma hora antes ou depois.

Uma questão de equilíbrio? – Durante a aula no Vale do Rio Maquiné, a estudante Márcia Castro revela um misto de satisfação por estar distante da Fundação de Atendimento Socio-Educativo (Fase). Como ela já vive histórias pesadas, relacionadas a menores infratores, não precisa buscar um drama no cinema para se distrair. Do albergue para jovens em que trabalha, a aluna do curso de Geografia da UFRGS poderia escrever um roteiro para um filme de Fernando Meirelles; mas, fosse para escolher um palpite, colaboraria na produção dos documentários de Jacques Cousteau.

Márcia pretende desbravar as oportunidades de contato com o meio natural junto com uma turma contagiante, além da imersão no estudo. Lá, no meio do Vale do Maquiné, ela encontra a sensação de conexão com a natureza. “Além de estudar, essa atividade equilibra a alma e o corpo. É difícil conciliar; trabalhei a noite inteira, mas estou menos cansada do que se estivesse próxima daquela atmosfera de conflito o tempo inteiro”, resume a atriz da vida real.

Durante percursos que podem durar de um dia inteiro até quase uma semana, os estudantes aproveitam para se divertir

Estranhos no ninho

Entre os geógrafos, uma pausa para um almoço em um pequeno boteco do vilarejo de Barra do Ouro, em Maquiné, se tornou uma atração como se fosse a estreia de Batman – O Cavaleiro das Trevas Ressurge. Não houve motoqueiro que não passasse olhando para as meninas com aquele aspecto de “não são daqui”, enquanto as moradoras esticavam o olhar para conferir os “guris de fora” e o ônibus com placa da capital.

A experiência dos praieiros em busca de vegetação rasteira não é diferente no bar de beira de estrada em Palmares do Sul. Num cenário de *Paris, Texas**, as garotas que entraram no estabelecimento para pedir a chave do banheiro chamaram a atenção de motoristas de uma empresa de ônibus que almoçavam um à la minuta. Mas a alegria deles durou poucos instantes. “Não vamos comer aqui. Pedi para os alunos trazerem lanche porque nesses caminhos sem paradeiro certo preferimos não arriscar muito”, fala a professora Ilsi. E a desavisada repórter ficou sem almoço e encarou um Ruffles, pois a tarde mal começava.

*Para quem não lembra, *Paris, Texas* é um dos filmes mais importantes do cineasta Wim Wenders

